

O que fazer com os últimos índios?

Sertanistas se reúnem (enfim) e buscam caminho para grupos isolados

JOÃO CARLOS
HENRIQUES
Da Editoria Nacional

Eles são 14. Passam a maior parte do tempo na floresta amazônica. Sua missão: proteger uma raça em extinção. Alguns têm no corpo cicatrizes recebidas no cumprimento do dever. Pela primeira vez eles se reúnem. Trocaram, durante seis dias, as matas pelo concreto de Brasília. Objetivo: trocar experiências e executar mudanças de estratégia para seu trabalho. São os sertanistas, uma profissão única no mundo e que se confunde com a própria história do indigenismo brasileiro deste século.

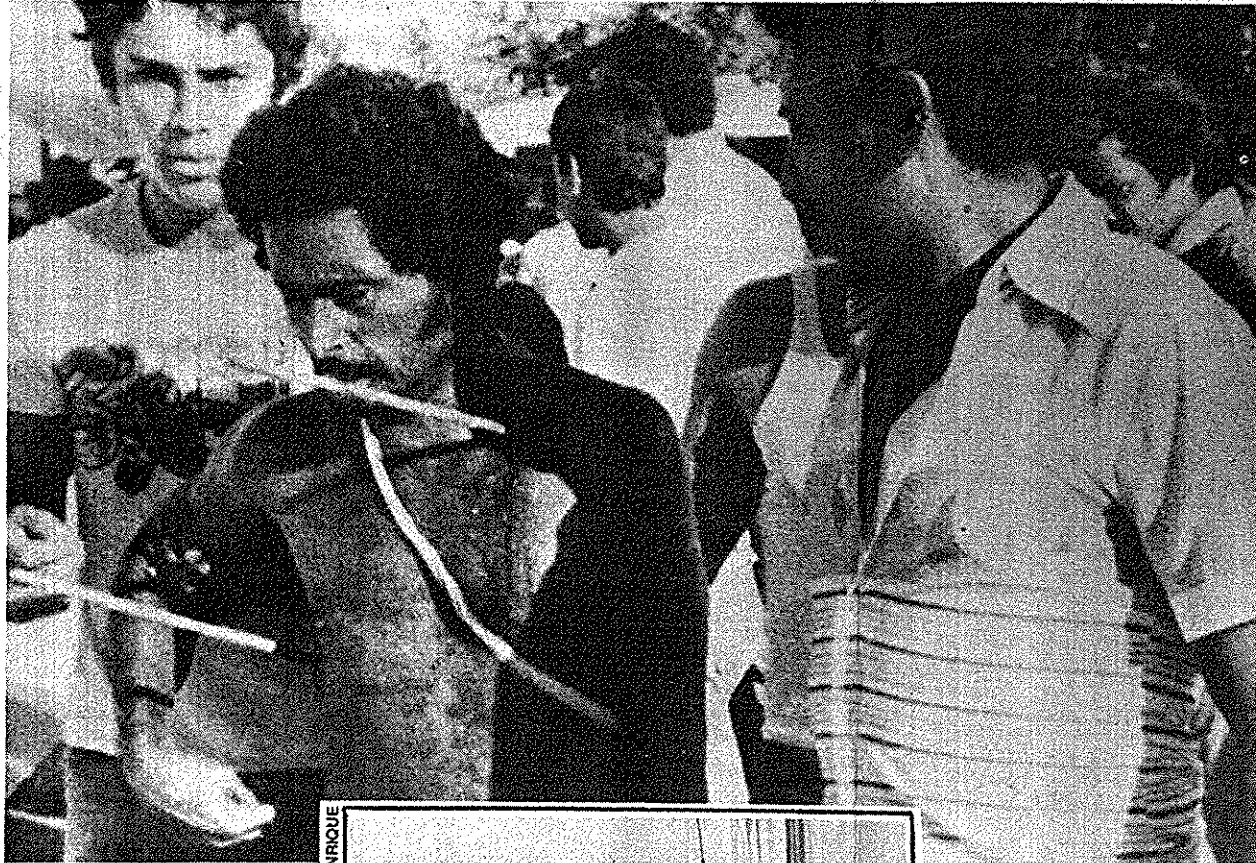
"O Brasil é um dos últimos lugares do mundo onde existem grupos humanos que ficaram isolados de toda transformação técnica ocorrida na face da Terra. Seres cuja cabeça funciona ainda em clima de uma mentalidade econômica, política e social de oito mil anos atrás". A explicação é de Sidney Possuelo, coordenador do I Encontro de Sertanistas da Fundação Nacional do Índio (Funai).

Há nove anos ele luta para realizar este encontro, cujo fruto foi a criação da Coordenadoria de Índios Isolados, os chamados arredios, ainda não contatados pelo homem branco. Esses grupos estão seriamente ameaçados e sua preservação, segundo Possuelo, "é uma obrigação e dever do Governo e de toda a sociedade brasileira".

Para ele esses índios "são um patrimônio humano, cultural, social e histórico, não apenas de interesse do Brasil, mas de toda a humanidade". Esses grupos isolados habitam a região Amazônica e, provavelmente, só a Amazônia brasileira. Sabe-se da existência de exatos 38 grupos, mas Possuelo acredita que este número possa chegar a 55 comunidades.

Existem grupos pequenos, de poucas famílias, e grandes, de mais de 300 índios. Alguns em situação difícil de sobrevivência e outros em regiões distantes e inóspitas, onde o branco ainda não chegou. Em vez de "pacificar" esses grupos isolados, os sertanistas entendem que "a verificação da existência desses índios não determina, necessariamente, a obrigatoriedade de contatá-los". A proposta é a de que devem ser criados sistemas específicos e diferenciados de proteção conforme a situação de cada caso.

Essa proposta representa uma mudança em relação ao contato clássico estabelecido pelo marechal Cândido Rondon — o patrono da Funai — e incrementado a partir da construção da rodovia Transamazônica, quando a Funai foi chamada para pacificar os índios cujo território a rodovia cortou. "Ficamos como ponta de lança de uma sociedade complexa, fria e determinada, que não perdoa adversários com tecnologia inferior", afirmou Possuelo.



Ele lembrou que do início da construção da Transamazônica até hoje 38 pessoas foram mortas em ataques indígenas, entre sertanistas e suas equipes. O contato do branco com o índio, de acordo com Possuelo, tem sido uma experiência prejudicial para o índio.

Diz o documento elaborado pelos sertanistas que "estamos invadindo terras por eles habitadas, sem seu convite. Estamos incutindo neles necessidades que jamais tiveram. Estamos desordenando organizações sociais extremamente ricas e os lançando num mundo diferente, cruel e duro. Estamos, muitas vezes, levando-os à morte".

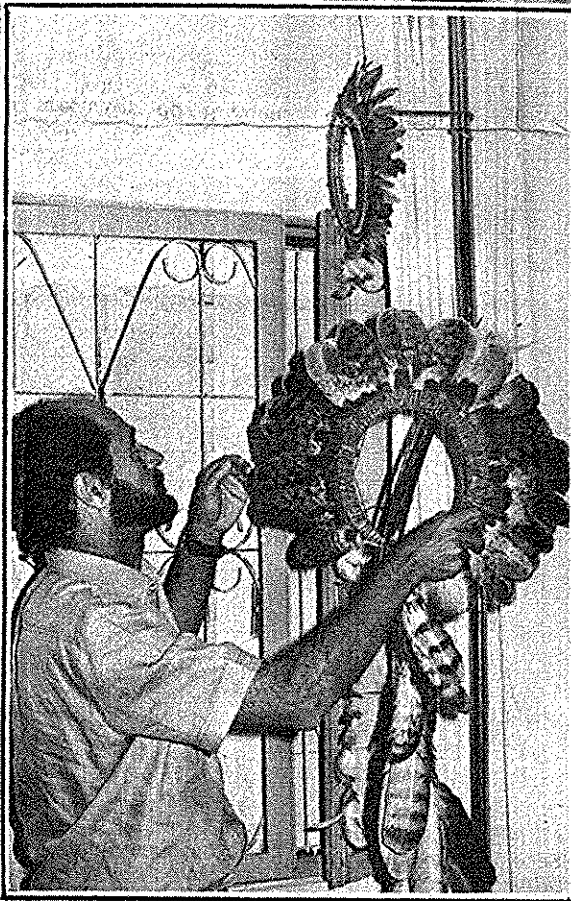
Ainda segundo o documento, "o ato do contato só deverá ocorrer quando comprovadamente aquele grupo isolado não tiver mais condições de suportar o cerco de fazendas, invasões de seu território. Aí então o ato de se manter contato seria uma medida essencial de proteção".

A partir do mapeamento dos índios isolados, a Funai deverá interditar imediatamente os territórios onde vivem, para poder exercer um sistema de vigilância e proteção, no sentido de preservar o grupo. Possuelo explica que os índios, por não terem anticorpos, adoececem das moléstias consideradas simples para os brancos e morrem facilmente. "Existem milhares de exemplos de grupos inteiros mortos, em passado recente, por gripes, sarampos e coqueluches".

SERTANISTA

Um casamento desfeito, 34 malárias, uma úlcera nervosa, quatro dentes perdidos e 23 dias seqüestrado. Este o saldo dos 21 anos de indigenismo e dos 16 anos de Funai do sertanista Sidney Possuelo. Ele nasceu predestinado a ser ser-

FOTO: MARCOS HENRIQUE



Profissão: perigo.
O sertanista Afonso Cruz ainda traz no corpo as marcas de três flechas disparadas pelos índios Arara e Possuelo carrega a lembrança do seqüestro e de 34 malárias.

tanista. Vele ao mundo no dia do índio, 19 de abril (de 1940). Como se isso não bastasse, ele é tetraneito de Teófilo Otoni, considerado o precursor de Rondon. Otoni doou parte de seus bens para os índios de Minas Gerais.

Desde rapaz Possuelo demonstrou tendência para trabalhar junto aos índios. Em 1961 ele procurou o sertanista Orlando Villas Boas dizendo que queria fazer uma expedição. Acabou convencendo Orlando a levá-lo para o Xingu.

Anos depois, já casado, após inúmeras expedições, sua mulher começou a reclamar de sua profissão. Quando de seu trabalho de campo mais demorado — ele ficou sete meses no mato — "recebi o despejo". Sua primeira esposa não agüentou a situação e pediu a separação. "Você não casou comigo, casou com os índios", ela lhe disse.

Em 1984, Possuelo foi seqüestrado por índios do parque do Xingu, que queriam — e conseguiram — derrubar o então presiden-

te da Funai, Otávio Ferreira Lima. Em outra ocasião, ao lado de Orlando Villas Boas e do cacique Raoni, Possuelo teve que enfrentar a ira dos brancos que disputavam um território com os índios.

— Fomos falar com o pessoal e eu fui na frente, pois eles já tinham reunido um bando de peões e acenderam os faróis dos carros em nossa direção — relata Possuelo, explicando que os brancos começaram a atirar e os índios pularam no mato. "Disse para não atirarem, mas me pegaram e meteram um revólver em minha boca, quebrando imediatamente dois dentes e depois outros dois que ficaram abalados caíram".

ESPOSA

Há seis anos casada com Possuelo, Regina Elizabeth (sua segunda mulher) se orgulha do marido, mas confessa que fica preocupada quando ele está fazendo uma expedição. "As fases em que ele vai para o mato e fica sem contato, fico pensando se quebrou o rádio ou se foi índio que o flechou", explica Regina.

Quando vai levar Possuelo no aeroporto, Regina conta que ela e as crianças (uma menina de quatro anos e um menino de três) voltam chorando para casa. "Quando o Sidney foi seqüestrado consegui manter a calma até o 23º dia, mas aí me desesperei", relembra.

Apesar da preocupação e das saudades, Regina incentiva o marido. "Quando ele está no mato, sei que é mais tranqüilo e feliz do que quando está aqui em Brasília trabalhando de burocrata, em meio a toda essa politicagem". Segundo Regina, a profissão de Possuelo é perigosa, "mas me sinto orgulhosa cada vez que ele tem sucesso nas expedições que faz".